

# DETERMINANTES DA FELICIDADE: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE O SUDESTE E O NORDESTE BRASILEIRO<sup>1</sup>

Daniel Suliano<sup>2</sup>

Domingos da Silva Brito<sup>3</sup>

Lilian Lopes Ribeiro<sup>4</sup>

O objetivo deste artigo é analisar os determinantes da felicidade no Brasil sob a luz de um enfoque regional, fazendo uso da base de dados da World Values Survey (WVS) para os anos de 2006 e 2014. Para tanto, foi estimado um modelo *logit* ordenado a partir de um conjunto de atributos pessoais dos entrevistados para duas regiões com características históricas e socioeconômicas bem distintas: Nordeste e Sudeste. O uso de dois anos permitiu analisar a alteração temporal daqueles que se autodeclararam felizes a partir da escala utilizada na WVS. Entre os principais resultados, é destacado que o estado de felicidade é mais intenso na juventude, atingindo um ponto mínimo na meia idade e voltando a crescer a partir de então. Adicionalmente, foi observado maior nível de insatisfação e infelicidade nas pessoas desempregadas, assim como na presença de filhos, resultados esses que levantam importantes questões em termos de planejamento e políticas públicas, como questões previdenciárias e políticas macroeconômicas. Finalmente, os resultados reforçam que maior renda *per capita* não torna a vida mais satisfatória.

**Palavras-chave:** felicidade; Nordeste; Sudeste; World Values Survey.

## DETERMINANTS OF HAPPINESS: A COMPARATIVE STUDY BETWEEN SOUTHEAST AND NORTHEAST BRAZIL

The purpose of this article is to analyze the determinants of happiness in Brazil of a regional approach using the World Values Survey (WVS), database for the years 2006 and 2014. A ordered logit model was from a set of personal attributes of the interviewees to two regions with very distinct historical and socioeconomic characteristics: Northeast and Southeast. The use of two years allowed to analyze the temporal alteration of those who declared themselves happy in the WVS. Among the main results, it is highlighted that the state of happiness is more intense in youth reaching a minimum point in the middle age and growing again. In addition, higher levels of unhappiness were observed in the unemployed, as well as the presence of children, which raise important questions in terms of public policies, such as social security and macroeconomic policies. Finally, the results reinforce that higher per capita income does not make life more satisfactory.

**Keywords:** happiness; Northeast; Southeast; World Values Survey.

---

1. DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/ppp57art6>

2. Analista de políticas públicas no Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece) e pesquisador no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). *E-mail:* <daniel.suliano@ipece.ce.gov.br>.

3. Professor da Secretaria de Educação Básica do Ceará (Seduc/CE). *E-mail:* <domingsbrito@hotmail.com>.

4. Professora adjunta nos cursos de economia e finanças da UFC, *campus* Sobral, e bolsista de produtividade em pesquisa na Fundação Cearense de Apoio à Pesquisa (Funcap), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Economia (Caen) da UFC. *E-mail:* <liadiniz-21@hotmail.com>.

## DETERMINANTES DE LA FELICIDAD: UN ESTUDIO COMPARATIVO ENTRE SURESTE Y NORESTE DE BRASIL

El objetivo de este artículo es analizar los determinantes de la felicidad en Brasil a la luz de un enfoque regional utilizando la base de datos World Values Survey (WVS) para los años 2006 y 2014. Para este propósito, un modelo logit ordenado por de un conjunto de atributos personales de los entrevistados para dos regiones con características históricas y socioeconómicas muy diferentes: Nordeste y Sudeste. El uso de dos años permitió el análisis del cambio temporal de aquellos que se declararon felices desde la escala utilizada en el WVS. Entre los principales resultados, se destaca que el estado de felicidad es más intenso en la juventud, alcanzando un punto mínimo en la mediana edad y creciendo nuevamente desde entonces. Además, se observó un mayor nivel de insatisfacción e infelicidad en las personas desempleadas, así como en presencia de niños, resultados que plantean cuestiones importantes en términos de planificación y políticas públicas, como la seguridad social y las políticas macroeconómicas. Finalmente, los resultados refuerzan que un mayor ingreso per cápita no hace la vida más satisfactoria.

**Palabras clave:** felicidad; Nordeste; Sureste; World Values Survey.

**JEL:** I12; I30; I31.

### 1 INTRODUÇÃO

A questão da felicidade tem sido objeto de reflexão desde os filósofos na Grécia antiga, tendo em Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) e Epicuro (341 a.C.-270 a.C.) os principais proeminentes. De fato, enquanto para o primeiro o entendimento de felicidade era associado à atividade da alma realizada em conformidade com a virtude,<sup>5</sup> para o segundo o prazer é o princípio e o fim da vida feliz.<sup>6</sup>

No entanto, a Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra nos séculos XVIII e XIX, ao ocasionar um inédito progresso humano através de um contínuo crescimento econômico, trouxe redefinições de paradigmas não apenas no padrão de vida social, mas também no que vem a ser felicidade.

Como observa Deaton (2017), durante milhares de anos quem tivesse a sorte de sobreviver na infância seria no restante da vida assolado pela pobreza. Por seu turno, a Revolução Industrial e as teorias microbianas das doenças<sup>7</sup> além de melhorar substancialmente o padrão de vida das pessoas mais que dobrou suas expectativas de vida, quando comparado a qualquer outro momento da história.

---

5. Ver Aristóteles (1991).

6. Ver Botton (2000).

7. De acordo com Deaton (2017), a Revolução Industrial dos séculos XVIII e XIX, iniciada na Inglaterra, foi o ponto de partida do crescimento econômico, responsável pela saída da pobreza de milhões de pessoas, e um importante catalisador de descobertas cruciais para a teoria microbiana das doenças, ou teoria dos germes, que assolavam áreas urbanas mediante epidemias de cólera no século XIX.

Mudanças de paradigmas demandam novos arquétipos de análise. No campo econômico, as métricas de medição, como o produto interno bruto (PIB) e as contas nacionais, datam do final dos anos 1930.<sup>8</sup> De acordo com Resende (2015), em que pese sua adequação como indicador de atividade, essencialmente agrícola e industrial para economias avançadas da primeira metade do século XX, no mundo de hoje, o conceito de PIB não parece ser adequado à realidade, sobretudo como indicador de qualidade de vida.

Mesmo assim, o PIB vem sendo largamente utilizado como medidor do progresso e do desenvolvimento dos países em geral. Para Chen (2015), por ser uma medida que não se concentra no bem-estar social, o PIB não pode ser considerado como indicador de que a sociedade vai bem. Shrotryia (2013) avalia que, embora os indicadores econômicos possam medir o nível de desenvolvimento e crescimento de uma nação, eles não levam em consideração o efetivo padrão de vida das pessoas.

Em contrapartida, na década de 1970, o Reino do Butão buscou medir o nível de bem-estar de uma população com base em padrão de vida, saúde, educação, governança, vitalidade comunitária, resiliência ecológica, uso equilibrado do tempo e bem-estar psicológico através do índice de felicidade interna bruta (FIB). Deaton (2017), por sua vez, utiliza apenas o termo bem-estar para designar tudo aquilo que faz bem a uma pessoa e que ajuda a tornar a vida melhor, a partir de quatro vetores: bem-estar material, bem-estar físico e psicológico, educação e participação na sociedade.

Em outra perspectiva, o economista e professor de ciências comportamentais Paul Dolan segue uma linha de pesquisa na qual conceitua a felicidade pela maneira como se aloca a atenção. De acordo com Dolan (2015), é preciso decidir sabiamente no que prestar atenção, tendo em conta que não ser feliz plenamente é resultado da má alocação de tempo, sendo possível ampliar marginalmente a felicidade quando se rearranja a atenção da melhor maneira.

No Brasil, pesquisas relacionadas à felicidade e ao nível de bem-estar ainda são incipientes, sobretudo aquelas que discorrem sobre os efeitos regionais. Embora não utilize base de dados nacionais, o livro seminal de Giannetti (2002) é um ensaio que discorre sobre a felicidade humana por meio de diálogos filosóficos com personagens tipicamente brasileiros. De outra maneira, Shikida (2008) analisa a relação da felicidade com o dinheiro no âmbito da literatura econômica.

Estudos empíricos também discutiram a temática da felicidade, mas em nível local. Em Sales *et al.* (2013) foi feita uma discussão da felicidade para a cidade de Lavras, em Minas Gerais, a partir de uma adaptação do questionário do FIB,

---

8. Simon Kuznets (1901-1985) e Richard Stone (1913-1991) foram laureados com o Prêmio Nobel de economia de 1973 e 1984, respectivamente, por contribuições relativas ao desenvolvimento do Sistema de Contas Nacionais, tendo o PIB como indicador mais utilizado na mensuração da atividade econômica.

enquanto Del Bianco *et al.* (2016) investigou os fatores que afetam a felicidade dos moradores de Cascavel, no Paraná, Aydos, Figueiredo Neto e Teixeira (2017) tiveram como análise fatores econômicos e sociais sobre os níveis de felicidade subjetiva de Campo Grande, em Mato Grosso do Sul.

Nesse contexto nacional, Pessôa (2001; 2011) diferencia a baixa renda *per capita* por motivo regional do problema da baixa renda *per capita* por motivo social. No primeiro caso, uma região apresenta baixa renda *per capita* em razão de suas características idiossincráticas, enquanto no segundo caso ela é pobre por conta de atributos dos moradores. Dito de outra forma, para um dado diferencial de produto *per capita* entre regiões, tem-se um problema regional se o diferencial de renda entre trabalhadores com as mesmas características, em distintas regiões, explica uma elevada parcela dos diferenciais de produto *per capita*. No entanto, se mesmo após o controle das características do trabalhador o diferencial regional de renda desaparecer, tem-se um problema social, que é altamente correlacionado com a região, e não um problema regional.

As evidências de estudos como o de Barros (2011) mostram que as disparidades regionais no Brasil ocorrem por conta das diferenças de oportunidades individuais, tendo a concentração de rendimentos como fator preponderante para estas desigualdades. Assim, ressalta-se a existência de um problema social quando as oportunidades de prosperar não são as mesmas nas diversas regiões para todos os indivíduos com características semelhantes.

Neste estudo, em particular, o objetivo foi verificar a contribuição de variáveis sociais e econômicas obtidas do World Values Survey (WVS) como determinantes da felicidade em termos de bem-estar a partir de uma análise regional. A WVS, sediada na Áustria, iniciou seus trabalhos em 1981 e tem pesquisas nacionalmente representativas e realizadas atualmente em quase cem países. É uma rede global de cientistas sociais que tem como objetivo estudar a mudança de valores e seu impacto na vida social e política da população local.

De forma mais específica, a hipótese subjacente é observar o diferencial no nível de felicidade nas chamadas unidades espaciais *abertas*, regiões geográficas do país que apresentam características históricas e socioeconômicas distintas. Trabalhos como o de Corbi e Menezes-Filho (2006) e Ribeiro e Marinho (2017), que também utilizaram dados da WVS, tiveram como foco principal os dados nacional, enquanto Eugênio (2016) analisou o impacto da inflação e do desemprego agregado e por região utilizando dados do *Latinobarómetro*<sup>9</sup> na satisfação com a vida como *proxy* de bem-estar.

9. De acordo com Eugênio (2016), o *Latinobarómetro* é uma pesquisa que representa mais de 600 milhões de habitantes em dezoito países da América Latina, com cerca de 20 mil entrevistas anualmente e fazendo uso de indicadores de opinião, atitudes, comportamentos e valores.

No artigo seminal de Easterlin (1974) foi observado que, mesmo apresentando um crescimento de quase dois terços do PIB *per capita* de 1946 a 1970, os níveis mais elevados de felicidade dos americanos se mantiveram estáveis. Em trabalhos subsequentes, Diener (2000), por exemplo, descreve que, para uma amostra universitária de 42 países, apenas 6% dos entrevistados classificaram o dinheiro como mais importante que a felicidade. Nesse contexto, em que pese todas as diferenças regionais, este trabalho procura analisar diferenciais nos níveis de felicidade não apenas em termos inter-regionais, mas também em relação a quais características individuais impactam (ou se é que impactam) de formas mais ou menos intensivas nos níveis de felicidade de cada uma das regiões.

Para tanto, foi utilizada a base de dados da WVS para os anos de 2006 e 2014, com o objetivo de avaliar mudanças no padrão de felicidade não apenas no âmbito regional, mas também se houve (ou não) alteração temporal na composição daqueles que autodeclararam felizes a partir da escala utilizada na pesquisa. De acordo Gilbert (2006), o sistema cognitivo humano tem a capacidade de preservar seu bem-estar, de forma a mantê-lo estável. Se for esse o caso, independentemente da área geográfica, assim como em Easterlin (1974), os percentuais dos que se declaram felizes não sofrerão alteração no tempo.

Em termos de políticas públicas, é aventada a ideia de maior sistematização de estudos que poderiam mensurar mais acuradamente medidas de bem-estar da população no intuito de realização de seus objetivos de longo prazo e de uma vida mais digna e potencialmente mais feliz. Além disso, diferentemente de outros trabalhos nacionais que fizeram uso da WVS, neste foi abordado o papel da presença dos filhos no estado de felicidade e suas implicações em termos de planejamento público.

Além desta introdução, este trabalho apresenta mais quatro seções. Na seção 2, foi apresentada uma análise holística acerca da felicidade e do bem-estar. Na seção 3, foram elencadas as variáveis do modelo econométrico, uma descrição da base de dados utilizada, uma análise das diferenças socioeconômica das regiões Nordeste e Sudeste e a apresentação do modelo econométrico a ser estimado. As discussões dos resultados são feitas na seção 4. Por fim, na seção 5, são tecidas as considerações finais.

## 2 UMA VISÃO HOLÍSTICA DA LITERATURA DE FELICIDADE

O tema felicidade, depois de ser objeto de investigação nas primeiras escolas de filosofia na Grécia Antiga, transfigurou-se em diversos conceitos, assim como adquiriu enorme capilaridade.

No final do século XVIII, a filosofia utilitarista, tendo como seu maior expoente e fundador Jeremy Bentham (1748-1832), tinha como ideia central que o mais elevado objetivo da moral é a maximização da felicidade. Como destaca Sandel

(2009), a escola de pensamento reconhece que somos regidos pelos sentimentos de prazer e dor definindo como utilidade qualquer coisa que produza prazer ou felicidade e que evite a dor ou o sofrimento.

Adam Smith (1723-1790), o pai da economia moderna, na condição de professor de filosofia moral,<sup>10</sup> também discorreu sobre questões relativas à conduta e virtude humana. Roberts (2015) lembra que Smith afirmava que prestar atenção no modo como sua conduta é percebida oferece mais do que um agradável benefício colateral, podendo também levar à serenidade, tranquilidade e felicidade.

Smith (2002) descreveu nos sentimentos das pessoas vantagens em melhorar suas condições ao adquirir notoriedade, simpatia, complacência e aprovação social, não sendo um adepto da busca frenética por fortuna na medida em que a felicidade humana vem da consciência de sermos amado sendo para ele esse sentimento um fim em si.

Na esfera econômica mais recente, agora dissociada do campo filosófico, Easterlin (1974) foi a primeira tentativa de associar positivamente bem-estar social (felicidade humana) com crescimento econômico. Como destacado pelo autor, embora o crescimento tenha aumentado os níveis de renda de países industrializados, a expansão das possibilidades de consumo não foi suficiente para a adequação das novas necessidades, em razão das mudanças no padrão de referência: os indivíduos não baseiam seu grau de consumo e acesso a bens com base no seu passado ou nas gerações anteriores, mas sim tendo como arquétipo seus pares da sociedade em que vivem.

Nesse aspecto, Veenhoven (1991) destaca que há pouco sentido em promover a felicidade considerando que os padrões tendem a subir com o sucesso, deixando os indivíduos tão infelizes quanto antes. Novamente, isso decorre das evidências de que parte da avaliação geral da vida é baseada no quão bem favorável o indivíduo se compara com padrões de sucesso.

De forma mais ampla, autores como Frey e Gallus (2013) preferem o uso da expressão bem-estar subjetivo, termo mais preciso para designar o que vem a ser a felicidade, através de distintos conceitos, como o alcance de uma vida virtuosa, o conceito de satisfação da vida a longo prazo e, ainda, aquele que remete à captura de estados emocionais de curto prazo da mente. Similarmente, Diener (2000) descreve o bem-estar subjetivo fazendo referência ao termo felicidade como avaliações que as pessoas fazem sobre suas vidas através de emoções agradáveis e poucos desagradáveis, tendendo a experimentar maior prazer e menos dor.

---

10. A esse respeito, ver Harford (2009) e Barbieri e Feijó (2013).

Adicionalmente, em Frey (2008) é ressaltado que o termo bem-estar subjetivo é usado na psicologia como uma avaliação que um indivíduo experimenta de afetos positivos e negativos, sendo esse termo utilizado na literatura de forma semelhante ao conceito de felicidade e satisfação com a vida.

Por seu turno, como bem observam Frey e Stutzer (2002), por muito tempo o estudo da felicidade era um campo de ação da psicologia, porém, diante de evidências em fatores como o crescimento econômico, a produtividade e os elementos institucionais, em alguns países nas décadas de 1980 e 1990 o tema se tornou cada vez mais relevante para economistas. Ademais, os autores também destacam que não tem sustentação empírica a ideia de a atividade laboral ser considerada um fardo para trabalhadores, isso em razão de o desemprego deprimir o bem-estar dos que estão desocupados. De fato, Clark e Oswald (1994) encontram evidências de desempregados apresentarem o dobro de estresse mental *vis-à-vis* aquelas pessoas com emprego.

O economista Paul Dolan, trabalhando na interface entre economia, psicologia, filosofia e políticas públicas, define felicidade como experiências de prazer e propósito ao longo do tempo. Nesse contexto, o autor está mais interessado nas experiências das pessoas do que nas avaliações que elas fazem da própria vida. Assim, a felicidade é determinada pela maneira como você aloca sua atenção.<sup>11</sup>

Adicionalmente, ser feliz pode também ser definido como encontrar o melhor equilíbrio pessoal entre prazer e propósito. Cada um pode ser tão feliz ou tão triste quando comparado com outro indivíduo, mas com combinações muito diferentes de prazer e propósito. Dolan (2015) chama isso de princípio do prazer e do propósito (PPP).

Chen (2015) aborda a felicidade como sendo um bem público, resultante da garantia de um bem-estar sustentável, lembrando para a distinção entre o conceito de felicidade da literatura ocidental, que aborda aspectos objetivos, e para a da cultura butanesa, que aborda aspectos subjetivos. Nesta perspectiva, Shrotryia (2013) discorre que a felicidade é um sentimento individual, mas é o bem-estar da coletividade que gera resultados positivos para uma nação. Dorji (2004), por sua vez, define felicidade como uma instância de profundo prazer ou contentamento com as circunstâncias de alguém sendo, portanto, um estado de espírito.

Na literatura econômica nacional, Ribeiro e Marinho (2017), ao analisarem os determinantes da felicidade e do bem-estar no Brasil utilizando um conjunto de variáveis pessoais e variáveis macroeconômicas, constataram que a renda influencia positivamente a probabilidade de os indivíduos serem felizes, porém sua relevância é menor que o fato do indivíduo estar empregado ou ter curso superior.

---

11. Uma boa analogia empregada por Paul Dolan é dizer que a filmadora é muito mais eficiente para mostrar como nos sentimos felizes ao longo do tempo do que retratos instantâneos de satisfação com a vida.

No seminal artigo sobre felicidade no Brasil, Corbi e Menezes-Filho (2006) associaram o tema a algumas variáveis, como renda, desemprego, educação, sexo, estado civil e idade. Os autores constataram forte relação entre a probabilidade de ser feliz e o nível de renda da população, uma vez que pessoas ricas têm mais chances de serem felizes. Em relação às características pessoais, indivíduos casados mostram-se, na média, mais felizes que os outros. Já em relação à idade, a felicidade tende a atingir o ponto mínimo por volta dos 54 anos.

Nos trabalhos de âmbito local, Sales *et al.* (2013) buscam, por meio de uma adaptação do questionário FIB, avaliar na cidade de Lavras, em Minas Gerais, se aspectos como sexo, idade, escolaridade e localização geográfica podem implicar diferenças nos níveis de felicidade dos indivíduos. Os resultados revelaram níveis distintos de felicidade de acordo com sexo, idade, escolaridade ou região de residência em sete dos nove indicativos do FIB e no próprio índice FIB (exceto quanto à resiliência ecológica e à diversidade cultural).

Em Del Bianco *et al.* (2016), questionários avaliaram fatores pessoais que poderiam afetar a felicidade da classe trabalhadora do município de Cascavel, no Paraná. Entre os resultados, ser otimista, praticar exercícios físicos e participar de algum grupo social foram os fatores que mais afetaram positivamente a felicidade.

Por sua vez, Aydos, Figueiredo Neto e Teixeira (2017), ao utilizar um questionário do tipo *survey*, analisaram a influência de fatores econômicos e sociais sobre os níveis de felicidade subjetiva da população do município de Campo Grande, em Mato Grosso do Sul. Escolaridade, idade, estado civil e o estado de origem são fatores que influenciam nos níveis de felicidade dos moradores da cidade.

Como dito, a capilaridade do termo felicidade também faz parte de um campo da psicologia, a chamada psicologia positiva, a qual ajuda as pessoas a encontrarem a felicidade e sentido para a vida. De acordo com Seligman (2004), os três pilares da psicologia positiva são o estudo da emoção positiva, o estudo dos traços positivos e o estudo das instituições positivas (democracia, família e a liberdade). Estas instituições dão suporte às virtudes, um dos traços positivos,<sup>12</sup> que, por sua vez, apoiam as emoções positivas.

Seligman (2004) ressalta que a psicologia positiva vai além da “felicilogia” ou hedonismo, característica esta resultante daqueles que gerenciam a vida pelo máximo de bons momentos e o mínimo de maus momentos. Em oposição, o autor pondera que a soma total de nossos sentimentos passageiros mostra uma medida muito imprecisa para a avaliação de um episódio, seja um filme ou uma vida.

---

12. As forças e as habilidades (inteligência e capacidade atlética) também são traços positivos.



Ao descrever o seu principal tema, o bem-estar, Seligman (2011) avança no conceito de psicologia positiva, que tem como principal critério o florescimento. Assim, nesta perspectiva, bem-estar é um constructo e felicidade é uma coisa real, que é definida como uma entidade diretamente mensurável. De forma mais específica, a teoria do bem-estar nega que o tema da psicologia positiva seja uma coisa real; ele é, antes, um constructo com diversos elementos mensuráveis, cada um deles contribuindo para formar o bem-estar, mas nenhum deles o definindo. A teoria do bem-estar tem cinco elementos, cada um deles com três propriedades.<sup>13</sup> Os cinco elementos são: emoção positiva, engajamento, sentido, relacionamentos positivos e realização.

Nesse contexto, observa-se a capilaridade que o termo felicidade comporta na medida em que diferentes áreas não somente tratam do tema como também adotam distintos conceitos do termo. Ademais, destaca-se a complementaridade e os diversos pontos em comum nas diferentes áreas aqui apresentadas. Em economia, em particular, tem sido grande a comunicação com os demais campos de ensino e o avanço progressivo do tema nas pesquisas destes profissionais. Na seção 3, são descritas as variáveis do modelo, algumas características socioeconômicas das regiões e o modelo econométrico a ser estimado.

### 3 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

#### 3.1 Variáveis elencadas do modelo

As variáveis utilizadas foram integralmente retiradas do banco de dados da WVS dos anos 2006 e 2014. A WVS é uma rede global de cientistas sociais e há mais de trinta anos aplica pesquisas de caráter sociocultural e econômico em quase cem países no intuito de ajudar cientistas e formuladores de políticas a entender mudanças nas crenças, nos valores e nas motivações das pessoas.

A WVS aplicou um total de 256 questionários em 2014 e 267 em 2006 no Brasil, sendo o universo da amostra de 1.486 e 1.500 indivíduos, respectivamente. É oportuno ressaltar também que, em ambos os anos, o questionário foi aplicado em todas as regiões do país.<sup>14</sup>

No que se refere à resposta relativa ao *estado de felicidade*, o indivíduo entrevistado responde a seguinte pergunta: *Em geral, o(a) Sr(a) se considera como?* A resposta deverá constar de um e somente um dos seguintes itens: muito feliz; feliz; não muito feliz; infeliz.

13. Cada elemento do bem-estar deve possuir três propriedades para ser considerado um elemento: i) ele contribui para a formação do bem-estar; ii) muitas pessoas o buscam por ele próprio, e não apenas para obter algum dos outros elementos; iii) ele é definido e mensurado independentemente dos outros elementos (exclusividade).

14. Para o ano de 2006, a amostra da região Nordeste registrou um total de 245 entrevistados, sendo de 841 na região Sudeste. Em 2014, a amostra foi de 303 e 528, respectivamente. Ressalta-se que não se ponderou pela variável *peso amostral* devido sua indisponibilidade nas bases de dados em ambos os anos.

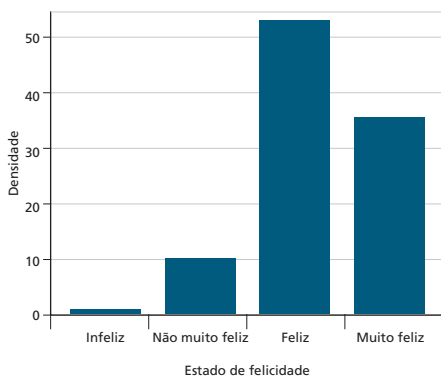
As respostas representam variáveis ordinais latentes não observáveis. Nesses termos, para que a estimação se torne factível e seja capaz de ponderar a intensidade do estado de felicidade do entrevistado, faz-se necessário quantificar as respostas dadas.

Assim sendo, ao assumir valores numéricos e ordenados que variam de 1, representando pior estado de felicidade, a 4, melhor estado, foi criada uma variável *estado de felicidade*: 1 quando o entrevistado se autodeclara como infeliz; 2, quando responde não muito feliz; 3, quando a resposta é feliz; e 4, quando afirma ser muito feliz. Os gráficos 1 e 2 apresentam a distribuição da variável *estado de felicidade* para os anos 2006 e 2014, respectivamente, das regiões Nordeste e Sudeste.

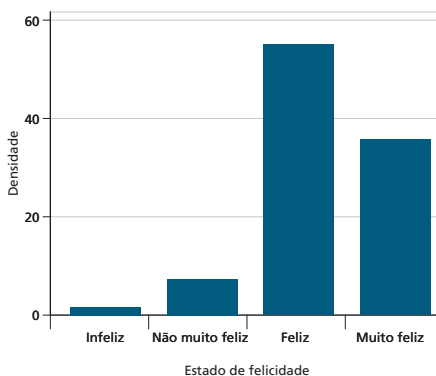
GRÁFICO 1

**Distribuição da variável estado de felicidade (2006)**

1A – Nordeste



1B – Sudeste

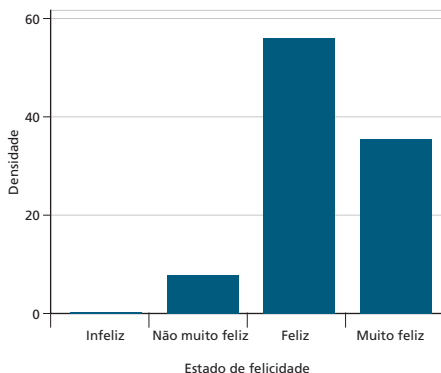


Fonte: WVS Database. Disponível em: <<https://bit.ly/34kSF5B>>. Acesso em: 6 mar. 2019.  
Elaboração dos autores.

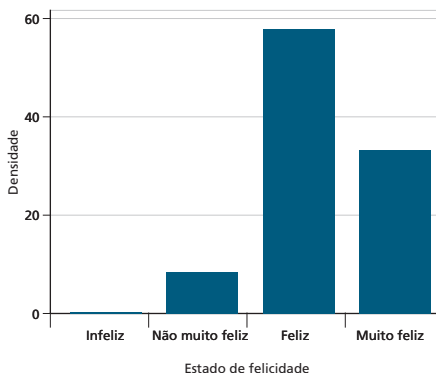
GRÁFICO 2

**Distribuição da variável estado de felicidade (2014)**

2A – Nordeste



2B – Sudeste



Fonte: WVS Database. Disponível em: <<https://bit.ly/34kSF5B>>. Acesso em: 6 mar. 2019.  
Elaboração dos autores.

A WVS, a partir de seu questionário, apresenta um conjunto de atributos dos entrevistados, as quais são utilizados como controles no vetor de variáveis explicativas descritos no quadro 1. A escolha destas variáveis tem como referência trabalhos nacionais, como os de Corbi e Menezes-Filho (2006) e Ribeiro e Marinho (2017); estudos da economia americana de Di Tella e MacCulloch (2005) e Guo e Hu (2011); além de pesquisadores que analisaram o tema em diversos estudos empíricos, como Kahneman (2012), Gilbert (2006) e Dolan (2015).

Com respeito a variável *escala de renda*, deve-se esclarecer que esta é auferida com base no seguinte questionamento direcionado ao entrevistado: *nesse cartão há uma escala de salários em que 1 indica nível mais baixo de salários e 10 significa nível mais alto de salários do Brasil. Gostaria de saber em qual nível a sua renda familiar está. Indique o número, contando com o salário de toda a família.* Assim sendo, a variável sobre rendimento disponibilizada pela WVS representa uma grandeza escalar.

QUADRO 1  
Descrição das variáveis explicativas

Tipo de variável	Variável explicativa
Sexo ou gênero	<i>Dummy</i> para o gênero masculino
Grupo étnico	<i>Dummy</i> autodeclaração para etnia branca
Demografia	Idade, idade <sup>2</sup>
Estrutura familiar	<i>Dummy</i> para presença filhos
Estado civil	<i>Dummy</i> para casado
Localização geográfica	<i>Dummy</i> para quem reside em cidade com mais de 500 mil habitantes
Nível educacional	<i>Dummy</i> para nível superior, <i>dummy</i> para outro nível educacional
Rendimentos	Escala de renda entre 0 a 10
Ocupação	<i>Dummy</i> para empregado, <i>dummy</i> para aposentado, <i>dummy</i> para estudante, <i>dummy</i> para dona de casa, <i>dummy</i> para outras ocupações

Fonte: WVS Database. Disponível em: <<https://bit.ly/34kSF5B>>. Acesso em: 26 jun. 2018.  
Elaboração dos autores.

Na subseção 3.2, foi feita uma análise descritiva das variáveis selecionadas nesta subseção, coadunando esses resultados com a literatura do tema e os trabalhos citados anteriormente, os quais foram referências para seleção dos controles utilizados na estimação.

### 3.2 Análise descritiva da base de dados

As tabelas 1 e 2 apresentam as estatísticas descritivas da variável dependente e do conjunto de variáveis explicativas expostas no quadro 1. Na tabela 1, os dados são referentes ao ano de 2006, enquanto, na tabela 2, os dados correspondem ao ano de 2014.

**TABELA 1**  
**Estatísticas descritivas (2006)**

Variáveis	Média	Desvio- -Padrão	Mínimo	Máximo	Média	Desvio- -Padrão	Mínimo	Máximo
	Nordeste				Sudeste			
Estado de felicidade	3,24	0,66	1,00	4,00	3,24	0,61	1,00	4,00
Escala de renda	3,93	2,28	1,00	10,00	4,34	2,09	1,00	10,00
<i>Dummy</i> empregado	0,56	0,50	0,00	1,00	0,51	0,50	0,00	1,00
<i>Dummy</i> aposentado	0,08	0,27	0,00	1,00	0,16	0,37	0,00	1,00
<i>Dummy</i> estudante	0,11	0,31	0,00	1,00	0,04	0,18	0,00	1,00
<i>Dummy</i> dona de casa	0,11	0,32	0,00	1,00	0,11	0,31	0,00	1,00
<i>Dummy</i> outras ocupações	0,00	0,00	0,00	1,00	0,00	0,00	0,00	1,00
<i>Dummy</i> ensino superior	0,03	0,18	0,00	1,00	0,10	0,30	0,00	1,00
<i>Dummy</i> outro nível educacional	0,56	0,50	0,00	1,00	0,54	0,50	0,00	1,00
Idade	35,70	14,69	18	77	41,10	15,91	18	84
<i>Dummy</i> masculino	0,55	0,50	0,00	1,00	0,58	0,49	0,00	1,00
Filhos	0,61	0,49	0,00	1,00	0,74	0,44	0,00	1,00
<i>Dummy</i> casado	0,54	0,49	0,00	1,00	0,57	0,49	0,00	1,00
<i>Dummy</i> branco	0,33	0,47	0,00	1,00	0,53	0,50	0,00	1,00
<i>Dummy</i> cidade mais de 500 mil	0,15	0,36	0,00	1,00	0,31	0,46	0,00	1,00

Fonte: WVS Database. Disponível em: <<https://bit.ly/34kSF5B>>. Acesso em: 26 jun. 2018.  
Elaboração dos autores.

**TABELA 2**  
**Estatísticas descritivas (2014)**

Variáveis	Média	Desvio- -Padrão	Mínimo	Máximo	Média	Desvio- -Padrão	Mínimo	Máximo
	Nordeste				Sudeste			
Estado de felicidade	3,27	0,61	1,00	4,00	3,25	0,66	1,00	4,00
Escala de renda	3,94	2,12	1,00	10,00	4,52	2,02	1,00	10,00
<i>Dummy</i> empregado	0,45	0,50	0,00	1,00	0,50	0,50	0,00	1,00
<i>Dummy</i> aposentado	0,15	0,36	0,00	1,00	0,19	0,39	0,00	1,00
<i>Dummy</i> estudante	0,05	0,22	0,00	1,00	0,02	0,15	0,00	1,00
<i>Dummy</i> dona de casa	0,18	0,39	0,00	1,00	0,16	0,36	0,00	1,00
<i>Dummy</i> outras ocupações	0,00	0,06	0,00	1,00	0,01	0,10	0,00	1,00
<i>Dummy</i> ensino superior	0,10	0,29	0,00	1,00	0,10	0,30	0,00	1,00
<i>Dummy</i> outro nível educacional	0,53	0,50	0,00	1,00	0,42	0,49	0,00	1,00
Idade	40,33	16,52	18	77	44,28	16,62	18	93
<i>Dummy</i> masculino	0,56	0,50	0,00	1,00	0,58	0,49	0,00	1,00
Filhos	0,72	0,45	0,00	1,00	0,75	0,43	0,00	1,00
<i>Dummy</i> casado	0,56	0,49	0,00	1,00	0,58	0,49	0,00	1,00
<i>Dummy</i> branco	0,31	0,46	0,00	1,00	0,49	0,50	0,00	1,00
<i>Dummy</i> cidade mais de 500 mil	0,44	0,50	0,00	1,00	0,46	0,50	0,00	1,00

Fonte: WVS Database. Disponível em: <<https://bit.ly/34kSF5B>>. Acesso em: 26 jun. 2018.  
Elaboração dos autores.

Pode-se observar que, no que concerne à renda, a região Nordeste permaneceu praticamente estagnada de 2006 a 2014, tendo o Sudeste apresentado relativa melhora no período. Na comparação inter-regional, em ambos os anos, o Sudeste apresenta uma média superior ao Nordeste, o que reforça a hipótese de desigualdade entre as regiões,<sup>15</sup> e uma tentativa de observar o *paradoxo de Easterlin*, resultado com base em Easterlin (1974), onde não foi observada a relação entre renda e felicidade. Por sua vez, em trabalhos nacionais, como os de Shikida, Rodrigues e Braun (2004) e Rodrigues e Shikida (2005), a contribuição do dinheiro para a felicidade é limitada para indivíduos onde os recursos são escassos mais os laços familiares e sociais são fortes.

Nas variáveis de cunho ocupacional, foram empregadas *dummies* para empregado, aposentado, estudante, dona de casa e outras ocupações, com relação ao grupo de controle de desempregado. Como pode ser visto nas tabelas 1 e 2, os empregados são predominantes em ambas as regiões e nos dois anos de análise. Em 2014, 45% dos nordestinos e metade dos entrevistados do Sudeste estavam nessa categoria.

Giannetti (2002) pontua que os desempregados involuntários chegam a apresentar taxas significativas maiores de infelizes, suicidas e até mesmo parassuicidas do que a média da população, mesmo quando se controla os efeitos da perda de renda e em países onde os salários-desemprego são generosos. Em Tetaz (2018) é destacado que não adianta insistir na renda *per capita* como determinante da felicidade, e sim na falta de sua fonte (o desemprego, no caso) como o causador de tristeza.

As *dummies* para *ensino superior* revelam que em 2006 apenas 3% dos nordestinos apresentavam esse ciclo de ensino; no Sudeste, esse percentual era de 10%. Para aqueles que tinham o ensino fundamental e o ensino médio, os percentuais no mesmo ano eram de 56% e 54%, respectivamente. Em 2014, destaca-se o crescimento daqueles com nível superior no Nordeste, tendo atingindo 10%.

A hipótese aqui elencada, com base em Kahneman (2012), para aqueles mais instruídos (ensino superior completo) é ambígua. Em estudos americanos, maior grau de instrução está associado com avaliação mais elevada da vida, embora com menor bem-estar experimentado e maior nível estresse.

Uma *dummy* para indivíduos que se autodeclararam brancos comparado aos negros e demais etnias revela que um terço dos nordestinos e pouco mais de 50% dos indivíduos do Sudeste declararam serem brancos em 2006. O controle desse atributo capta efeitos de identidade moldadas pelo ambiente social, por conta de

15. Alesina, Di Tella e MacCulloch (2004) observaram que, mesmo após controles de renda e atributos pessoais, indivíduos relatam ser menos felizes quando há maior desigualdade.

normais sociais internalizadas, de acordo com Akerlof e Kranton (2000). Gilbert (2006) também destaca que a ênfase e a percepção da felicidade individual dependem da cultura na qual se está inserida.

Os resultados da *dummy* para o sexo masculino diferenciando da categoria base feminino mostram que a amostra é levemente predominante de homens (56% no Nordeste e 58% no Sudeste em 2014). De acordo com Tetaz (2018), pesquisas na maior parte dos países registram que mulheres são ligeiramente mais felizes que os homens. No trabalho de White e Dolan (2009), através do método de reconstrução do dia (DRM), as mulheres sentiam mais felicidade ao longo do dia quando adicionado de propósito, enquanto os homens mais prazer.

No que se observa a idade, em 2006, a idade média dos nordestinos foi de pouco menos de 36 anos e no Sudeste de 41 anos. Em 2014, as médias saltaram para 40 e 44 anos, respectivamente. Como observado no quadro 1, uma variável quadrática também foi adicionada como controle.

Uma literatura consolidada de acordo com Schwandt (2013) observa que o bem-estar humano segue uma forma de U à medida que a idade avança em resultados para mais de cinquenta países, para diversos grupos socioeconômicos e até mesmo para grandes símios. Frijters e Beaton (2012) também destacam que esta evidência vale para países como Alemanha, Austrália, Reino Unido, Estados Unidos e África do Sul. Corbi e Menezes-Filho (2006) e Ribeiro e Marinho (2017) encontram resultados similares para o Brasil.

Com relação ao estado civil, as regiões, para ambos os anos, apresentaram percentuais de 54% a 58% de casados. Quantos aos filhos, entre 61% (região Nordeste em 2006) a 75% (região Sudeste em 2014) declararam ter filhos.

O senso comum costuma atribuir ao matrimônio e à procriação fontes autênticas e perenes de felicidade. No entanto, pesquisas empíricas através de diferentes coletas de dados e formas distintas de captação têm encontrado uma miscelânea de evidências, mas que, em geral, não corroboram essa percepção.

Dolan, Peasgood e White (2008), em uma revisão detalhada da literatura para dados longitudinais da Alemanha e Reino Unido, embora destaquem algumas restrições, como preocupação de variáveis não observadas e direção de causalidade, constataram associações positivas com o bem-estar para aqueles casados ou que morem juntos. Por outro lado, Kahneman (2012) destaca que nos estudos de DRM entre mulheres que conviveram com um parceiro e as que não conviveram não foram observadas diferenças de bem-estar experimentado em razão desse não ser influenciado pelo casamento. Dolan (2015) frisa que qualquer associação com relação ao estado civil precisa ser analisada com cautela ao se tirar qualquer conclusão.

No aspecto dos filhos, Hansen (2012) observa que a maioria das pessoas ainda mantém crenças relativas à paternidade como forma de realização além de confundirem recompensas dos pais com felicidade.<sup>16</sup> O autor também ressalta que o mito da paternidade é ainda mais pleno em países onde se tem maior probabilidade dele ser falso. Deaton e Stone (2013) mostram que idosos americanos que convivem com menores de 18 anos apresentam avaliações de vida menos satisfatórias com relação aqueles que não convivem, além de piores resultados em termos de experiências emocionais, incluindo maior *stress* e raiva e menos prazer e felicidade.

Finalmente, para a variável que capta a diferença de média para a felicidade com relação a indivíduos que moram em cidades com maior densidade urbana, aqui definida como aqueles residentes em cidades com mais de 500 mil habitantes, os dados das tabelas 1 e 2 revelam que até mesmo na região Sudeste menos de 50% habitam nesses locais. Em 2014, por exemplo, apenas 46% da amostra do Sudeste estão nessas cidades. No estudo de Anxo *et al.* (2011) para países com diferentes normas sociais e institucionais, como França, Itália, Suécia e Estados Unidos, destaca-se que não foi observada associação entre densidade demográfica e felicidade.

Na subseção 3.3, é feita uma caracterização socioeconômica das regiões em análise com base em alguns indicadores, além de se reportar evidências com base no questionário da WVS das diferenças do estado de felicidade em uma perspectiva inter-regional e intrarregional.

### 3.3 Um pouco de visão regional

O gráfico 3 apresenta o PIB *per capita* a preços constantes<sup>17</sup> de 2014 das regiões Nordeste e Sudeste para os anos de 2006 e 2014, mesmos anos utilizados da WVS. *Grosso modo*, trata-se de um indicador de riqueza e, como observam Feijó e Ramos (2013; 2017), é uma referência importante como medida sintética de padrão de vida e do desenvolvimento econômico, além de ser largamente utilizado como uma aproximação de bem-estar, embora tenha suas limitações.

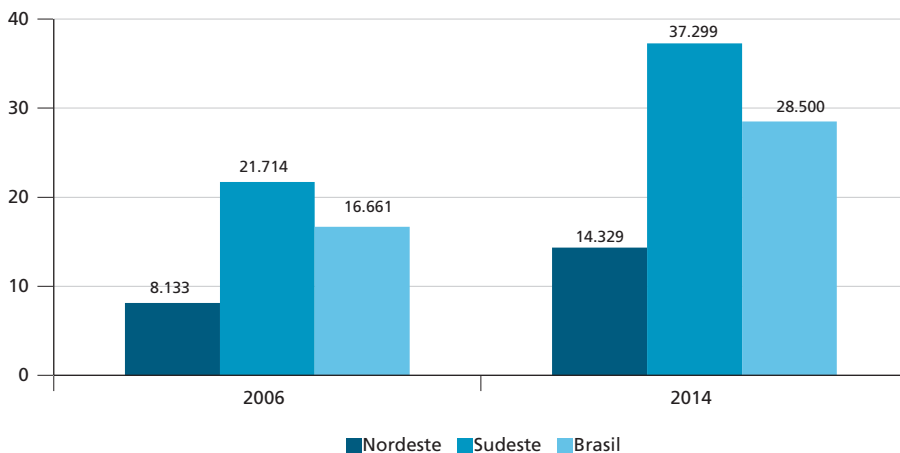
Em primeiro lugar, pode-se observar evidências no que concerne às disparidades regionais, tendo em conta que a renda *per capita* da região nordestina em 2006 é de apenas 37% da renda *per capita* da região Sudeste e em 2014, 38%. É importante também frisar que a renda *per capita* nacional é pouco mais de 76% da renda *per capita* do Sudeste, em ambos os anos.

16. Gilbert (2006) afirma que o *jogo de transmissão de crenças* explica por que acreditamos em certas coisas com relação à felicidade que simplesmente não são verdadeiras.

17. Os dados de 2006 foram deflacionados a partir do deflator do PIB obtido do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), conforme as recomendações de Feijó e Ramos (2017).

GRÁFICO 3

**PIB per capita – Nordeste, Sudeste e Brasil (2006 e 2014)<sup>1</sup>**  
(Em R\$ 1,00)



Fonte: Contas Regionais/IBGE. Disponível em: <<https://bit.ly/3wDFQiY>>. Acesso em: 21 maio 2019.

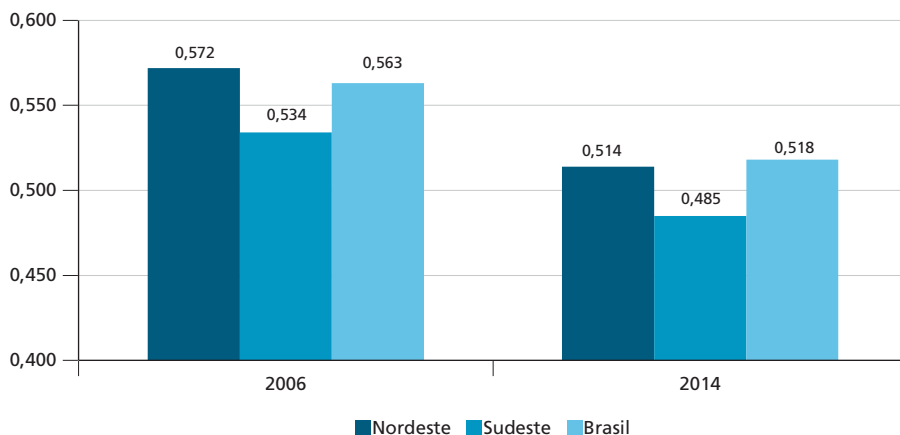
Elaboração dos autores.

Nota: <sup>1</sup> preços constantes de 2014.

Nesse mesmo contexto, foi apresentado, no gráfico 4, um indicador de concentração de renda medido através do índice de Gini, durante os anos de 2006 e 2014. Embora o índice revele redução intrarregional, o grau de concentração de riqueza da região Sudeste é menor do que a região Nordeste.

GRÁFICO 4

**Índice de Gini de desigualdade – Nordeste, Sudeste e Brasil (2006 e 2015)**



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) Anual/IBGE. Disponível em: <<https://bit.ly/34jBOC>>. Acesso em: 21 maio 2019.

Elaboração dos autores.

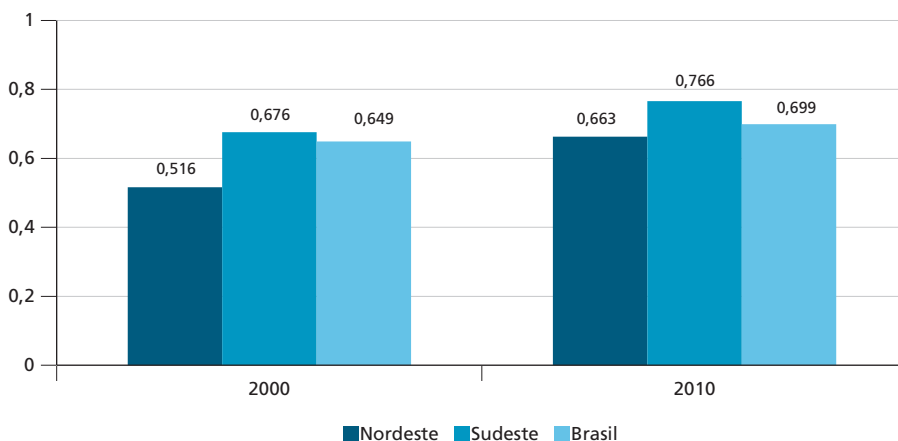


Por sua vez, o gráfico 5 apresenta novamente o comparativo entre as regiões em análise e o Brasil, mas agora dos anos de 2000 e 2010, para o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH),<sup>18</sup> indicador mais abrangente de bem-estar que o PIB *per capita* e usado como medida de qualidade de vida para uma determinada região.

De acordo com Feijó e Ramos (2017), o IDH é um índice de desenvolvimento para monitorar e comparar de forma abrangente os progressos realizados pelos diferentes países, considerando-se a melhoria da qualidade de vida da população.

De acordo com o gráfico 5, a região Sudeste detém um IDH superior ao da região Nordeste, estando também seu índice acima do indicador do Brasil, mesmo após uma década. Nesse contexto, o padrão de bem-estar da região Sudeste encontra-se em patamar superior ao Nordeste e até mesmo acima que o nacional.

GRÁFICO 5  
Índice de Desenvolvimento Humano – Nordeste, Sudeste e Brasil (2000 e 2010)



Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. Disponível em: <<https://bit.ly/3oWwLiT>> Acesso em: 14 mar. 2019. Elaboração dos autores.

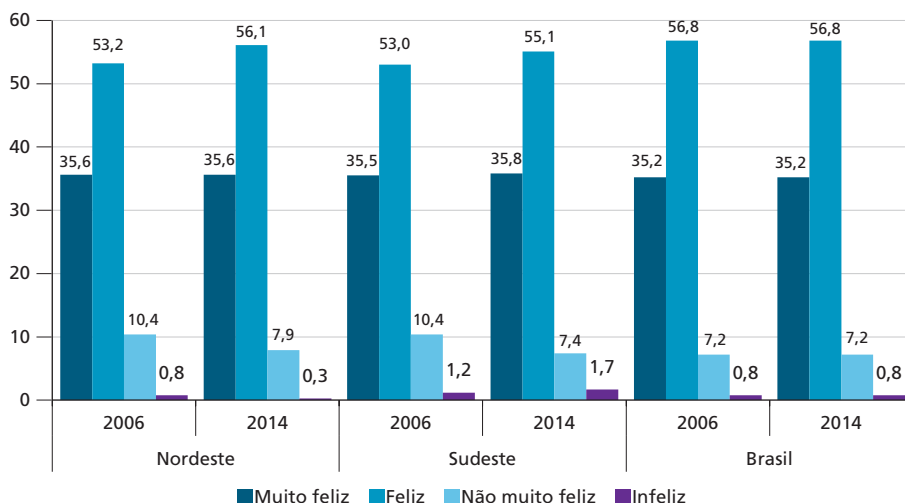
O gráfico 6 apresenta a evolução do *estado de felicidade* dos entrevistados pela WVS para os anos de 2006 e 2014 para as regiões Nordeste e Sudeste e para o Brasil. Pode-se observar que mais da metade dos entrevistados nas três áreas geográficas declaram-se felizes tanto em 2006 quanto em 2014. Adicionalmente, quando se considera a resposta muito feliz, a diferença intrarregional e inter-regional torna-se praticamente inexistente.

18. O IDH por regiões está disponível apenas para os anos de Censo Demográfico.

No caso dos entrevistados que declararam estarem não muito feliz e infeliz, a diferença também é quase inexistente. No entanto, em 2014, pode-se observar uma maior diferença nesta última categoria tendo em conta que apenas 0,3% dos nordestinos se declaravam assim, enquanto no Sudeste o percentual nesse mesmo ano de infelizes era de 1,7%.

GRÁFICO 6

**Em geral, o(a) sr(a) se considera como? – Nordeste, Sudeste e Brasil (2006 e 2014)**  
(Em %)



Fonte: WVS.  
Elaboração dos autores.

Esses resultados podem reforçar a hipótese dos chamados bens posicionais<sup>19</sup> nas regiões geográficas analisadas, que são classificadas como unidades espaciais *abertas*. De acordo com Giannetti (2002), os bens posicionais são aqueles cujo valor reside precisamente no fato de que eles são socialmente escassos, visto que a grande maioria não dispõe de renda para adquiri-los.

Em Easterlin (1974) também é retomado esse conceito ao considerar que as evidências levantadas levam a inferir que o padrão de referência de renda é relativo daqueles que vivem na mesma sociedade. Tetaz (2018), similarmente, explica que boa parte da felicidade não depende da renda absoluta, mas da renda relativa, ou, ainda, quanto ganha cada pessoa em comparação as rendas obtidas do seu grupo de referência. Nesse contexto, Miller (2012) destaca que consumidores se esforçam para comunicar identidades desejadas aos outros através da escolha de produtos, especialmente quando a ênfase identitária dos produtos é elevada. Adicionalmente,

19. O conceito de bens posicionais é primordialmente discutido em Smith (1996).

Smith (1996) descreveu que o prazer principal dos que possuem riqueza consiste na sua ostentação e opulência, visto que o mérito do objeto decorre de sua raridade e são eles que podem pagar.

Nesse contexto, a ideia de bens posicionais poderia ser vista sob uma perspectiva de inveja. A inveja, do verbo latino *invedere* (não ver a si mesmo), foi simbolizada por Dante Alighieri (1999) no segundo terraço do purgatório como forma de hierarquizar os setes pecados capitais. Acima apenas do orgulho, os invejosos foram postos de olhos costurados com arame e condenados a não verem nada até purgarem seus pecados.

Muito embora as evidências no aspecto da renda *per capita*, da desigualdade e do nível de desenvolvimento sustentem diferenças entre as regiões em análise, as respostas ao estado de felicidade parecem não sustentar a hipótese subjacente das diferenças regionais reportada na introdução, em que o diferencial no nível de felicidade nas chamadas unidades espaciais *abertas* do país seriam distintos.

Uma questão também pertinente é a que diz respeito às limitações e à abrangência do conceito de felicidade abordado na WVS. Como destacam Thaler e Sunstein (2009), quando se julga a satisfação da vida, as respostas podem apresentar julgamentos enviesados em virtude dos respondentes utilizarem heurística de ancoragem em razão do modo de funcionamento do cérebro humano.

Frey (2008), por sua vez, ressalta que existem definições culturais específicas de felicidade, bem como diferentes interpretações das escalas numéricas do indicador em distintas sociedades, o que também resulta em limitações e restrições da pergunta da WVS.

Outros autores, no intuito de dirimir esses problemas, procuraram alternativas na forma tanto de mensuração como também na definição do que vem a ser felicidade. Kahneman (2012) desenvolveu uma mensuração de bem-estar experimentado pelo método da reconstrução do dia (*day reconstruction method*); enquanto Nettle (2005) utiliza o conceito de felicidade com maior amplitude ao abordar definições como a que veio a se chamar de vida boa (*eudaimonia*<sup>20</sup>), satisfação geral com a vida e, também, a proposta a que se remete a psicologia positiva através dos sentimentos mais efêmeros de alegria e prazer.

Na subseção 3.4 é discutida a estratégia econométrica de estimação com base no vetor de características observáveis dispostas no quadro 1 e como é feita a obtenção dos seus efeitos marginais.

---

20. Conceito este proposto originalmente por Aristóteles (1991).

### 3.4 Modelo econométrico

O modelo *logit* ordenado é empregado para estimar valores de variáveis latentes por meio de equações lineares. Neste caso, as variáveis não são observadas diretamente nos dados disponíveis, sendo segregadas por intervalos numéricos ordenados de acordo com categorias da variável com esse tipo de característica. A estrutura geral do modelo pode ser descrita por:

$$y_i^* = \beta_i' X_i + \varepsilon_i, i = 1, \dots, k, \quad (1)$$

em que  $y_i^*$  é a variável observada em sua forma discreta em quatro categorias ligadas ao estado de felicidade dos entrevistados;  $\beta_i$  é o vetor de parâmetros a serem estimados; e  $X_i$  é o conjunto de variáveis explicativas. Assume-se também que o erro idiossincrático  $\varepsilon_i$  segue uma distribuição de probabilidade logística.<sup>21</sup> Por fim, o subscrito  $i$  é relativo ao indivíduo na amostra de tamanho  $k$ .

A utilização do *logit* ordenado se justifica devido ao fato desse modelo possuir a propriedade de explicar variáveis categóricas qualitativas e discretas que apresentam um número maior de alternativas, quando comparado com as variáveis dicotômicas (Powers e Xie; 2000). Tais características apresentadas pelo *logit* se enquadram no perfil da equação estimada nessa pesquisa.

Além disso, como a distribuição de probabilidade desse modelo – distribuição logística – possui uma forma analítica fechada, o custo computacional de estimá-lo é significativamente menor do que o do modelo *probit*, já que a distribuição desse último – distribuição normal – é uma integral que necessita ser computada numericamente.

As respostas para a variável *estado de felicidade*  $y_i$  podem ser geradas das respostas  $y_i^*$  da maneira a seguir.

$$y_i = \begin{cases} 1 & k_1 \leq y_i^* \\ 2 & \text{se } k_1 < y_i^* \leq k_2 \\ 3 & k_2 < y_i^* \leq k_3 \\ 4 & k_3 < y_i^* \end{cases}, \quad (2)$$

em que, cada  $k_j$  representa um ponto de corte para cada categoria  $j = 1, 2, 3, 4$  da variável  $y_i$ . Desde que os resíduos  $\varepsilon_i$  seguem uma distribuição logística, tem-se que a probabilidade de uma resposta  $y_i$  ser maior do que uma categoria  $j$  será:

21. Se  $\varepsilon$  segue uma distribuição logística então sua função de distribuição é dada por  $\Lambda(\varepsilon) = e^\varepsilon / (1 + e^\varepsilon)$ ,  $-\infty < \varepsilon < \infty$ . Sua função densidade é simétrica em torno de zero com média 0 (zero) e variância  $\pi^2 / 3$ .

$$P(y_i < j / X_i, Z_i) = \frac{\exp(k_j - X_i \beta_i)}{1 + \exp(k_j - X_i \beta_i)}. \quad (3)$$

Ressalta-se que, diferentemente de outros métodos de estimação, como, por exemplo, os mínimos quadrados ordinários (MQO), o *logit*, apesar de capturar as não linearidades do modelo, não possibilita a interpretação dos estimadores diretamente da regressão, sendo necessário o cálculo de seus efeitos marginais. É importante salientar também que a forma adotada para o cálculo dos efeitos marginais é a discreta, dado o fato de a variável  $y_i$  do modelo expresso na equação 1 assumir tal forma. Nesse sentido, os efeitos marginais do *logit* ordenado podem ser expressos por:

$$\frac{\partial \Pr[y_i = j / X]}{\partial x_{k,i}} = \left( \frac{\partial F(\alpha_j - X_i \beta^j)}{\partial x_{k,i}} - \frac{\partial F(\alpha_{j-1} - X_i \beta^j)}{\partial x_{k,i}} \right) = \beta_k (f(\alpha_{j-1} - X_i \beta^j) - f(\alpha_j - X_i \beta^j)), \quad (4)$$

em que os efeitos marginais não dependem apenas do coeficiente  $\beta_k$ , mas também da função densidade  $f(\cdot)$ .

Por fim, deve-se salientar que na equação 1, descrita anteriormente, está implícita uma abordagem subjetiva de bem-estar, haja visto que a variável  $y_i$  é determinada a partir da resposta que o entrevistado dá sobre o seu próprio estado de felicidade. Portanto, a equação estimada neste estudo se distingue daquela resultante da abordagem neoclássica, apoiada na concepção de que o bem-estar advém da utilidade cardinal. Autores como Guo e Hu (2011) e Frey e Stutzer (2008) têm questionado a validade de tal abordagem por considerar que os indivíduos não agem totalmente de forma racional, conforme previsto pela teoria da utilidade, a qual procura mensurar objetivamente o bem-estar pessoal.

A seção 4 discute os resultados que foram estimados com base no modelo econométrico dessa subseção utilizando parte da literatura como referência.

#### 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A tabela 3 apresenta os resultados das estimações do modelo *logit* ordenado para a probabilidade do estado de felicidade das regiões Nordeste e Sudeste e do Brasil (erros-padrão entre parênteses). As tabelas 4 e 5 apresentam os resultados dos efeitos marginais para as regiões Nordeste e Sudeste, respectivamente (erros-padrão entre parênteses).<sup>22</sup>

22. Nos quatro modelos estimados pelo teste de Wald, foram rejeitados os efeitos nulos de interações dos parâmetros a um nível de significância de 5%. No ano de 2006, para as regiões Nordeste e Sudeste o pseudo R<sup>2</sup> foi de 0,0660 e 0,0114, respectivamente. Em 2014, foi de 0,0304 e 0,0555.

Em primeiro lugar, deve-se observar uma diferença de significância no conjunto de variáveis explicativas com relação às duas regiões nos anos de análise. No caso da região Nordeste, um total de seis variáveis apresentaram-se, estatisticamente, significantes no ano de 2006. Para o ano de 2014, apenas uma variável mostrou-se significativa. No ano de 2006, as variáveis *escala de renda*, *ensino superior*, idade e seu termo quadrático, residentes em cidades com mais de 500 mil habitantes e presença de *filhos* foram significantes. Para o ano de 2014, foi significativa apenas a *dummy empregado*.

A região Sudeste, para o ano de 2006, apresentou apenas duas variáveis significantes e um conjunto de oito variáveis significativas associadas ao estado de felicidade daqueles residentes na região para o ano de 2014. No ano de 2006, a *dummy empregado* e a *dummy* relacionada ao estado civil *casado* foram significativas. Para o ano de 2014, *escala de renda*, *estudante*, *outras ocupações*, idade e seu termo quadrático, estado civil *casado* e presença de *filhos*.

Nesses termos, convém observar que as variáveis ocupacionais *aposentado* e *dona de casa*, a variável associada à educação *outro nível ocupacional* e a variável *masculino* não foram significativas em nenhum dos modelos estimados nos anos de 2006 e 2014, tanto na região Nordeste como na região Sudeste.

Com respeito à *dummy* que diferencia o gênero, a não observância de diferença de médias entre homens e mulheres quanto à felicidade para as duas regiões analisadas está em consonância com os resultados de Ribeiro e Marinho (2017) e Aydos, Figueiredo Neto e Teixeira (2017). Para as variáveis de cunho ocupacional, os resultados divergem daqueles encontrados em Corbi e Menezes-Filho (2006), mas são similares quanto a variável *outro nível ocupacional*.

No que se refere à variável *raça*, apenas na região Sudeste para o ano de 2014 o resultado foi significativo a 5%. Como destacado, a literatura tem explorado pouco o tema, tendo esse resultado sido inesperado na medida em que o nível de felicidade das pessoas, a princípio, não tem relação com a cor autodeclarada.<sup>23</sup>

Nos trabalhos nacionais que fazem uso da WVS, Corbi e Menezes-Filho (2006) e Ribeiro e Marinho (2017) não utilizaram como controles a variável para aqueles residentes em cidades com mais de 500 mil habitantes e presença de *filhos*. No caso da primeira, diferentemente do esperado, o resultado foi significativo a 5% para o ano de 2006 na região Nordeste.

No que diz respeito à *dummy* relacionada à paternidade, foi encontrada uma relação significativa e positiva para a região Nordeste em 2006, porém negativa para a região Sudeste em 2014. Como descrito anteriormente, os resultados do

---

23. Haidt (2006) cita que os americanos brancos, em média, são apenas um pouco mais felizes que os americanos negros.

Sudeste estão em consonância com os estudos de Hansen (2012) e Deaton e Stone (2013). De acordo com Kahneman *et. al.* (2004), mulheres que tomam conta de crianças apresentam níveis de felicidade inferiores se comparadas às que praticam atividades físicas, fazem compras ou mesmo quando estão comendo.

Assim, visando medir o efeito parcial que capta a mudança na variável do estado de felicidade por unidade de mudança na variável explicativa *filhos*, as tabelas 4 e 5 apresentam os efeitos marginais de ambos os anos estimados para as regiões Nordeste e Sudeste. As tabelas 4 e 5 também apresentam os efeitos marginais para todas as demais variáveis explicativas que compõem as estimativas da equação 1.

Dito isto, para a região Nordeste, em 2006, a presença de filhos tende a reduzir em 9% a probabilidade do indivíduo *não ser muito feliz*, aumentando em, aproximadamente, 16% a probabilidade de infelicidade. Para a região Sudeste, em 2014, a presença de filhos aumenta a probabilidade de ser *feliz* em apenas 3,2% e reduz em 15% a probabilidade de ser *infeliz*.

TABELA 3  
Regressão logística para a probabilidade de felicidade

Variáveis explicativas	Variável dependente: felicidade			
	2006		2014	
	Nordeste	Sudeste	Nordeste	Sudeste
Escala de renda	0,204*** (0,0613)	0,045 (0,034)	-0,001 (0,057)	0,115*** (0,046)
Dummy empregado	0,610 (0,409)	0,460** (0,198)	0,709** (0,348)	0,120 (0,285)
Dummy aposentado	1,024 (0,649)	0,387 (0,304)	0,711 (0,538)	-0,471 (0,390)
Dummy estudante	0,454 (0,559)	0,393 (0,403)	0,286 (0,601)	1,062* (0,659)
Dummy dona de casa	0,854 (0,555)	0,207 (0,281)	-0,014 (0,422)	-0,361 (0,347)
Dummy outras ocupações	- -	- -	1,504 (1,116)	-1,596* (0,899)
Dummy ensino superior	1,254* (0,769)	0,301 (0,263)	-0,533 (0,432)	0,471 (0,326)
Dummy outro nível educacional	0,117 (0,306)	0,168 (0,162)	-0,345 (0,267)	0,129 (0,206)
Idade	-0,179*** (0,057)	-0,030 (0,026)	-0,019 (0,042)	-0,050* (0,030)
Idade <sup>2</sup>	-0,00189*** (0,00066)	-0,0002 (0,0002)	-0,00008 (0,00040)	-0,00060** (0,00030)
Dummy masculino	-0,057 (0,288)	-0,038 (0,149)	0,200 (0,274)	-0,207 (0,194)
Dummy casado	-0,119 (0,333)	0,315* (0,168)	0,335 (0,268)	1,110*** (0,211)

(Continua)

(Continuação)

Variáveis explicativas	Variável dependente: felicidade			
	2006		2014	
	Nordeste	Sudeste	Nordeste	Sudeste
<i>Dummy</i> branco	0,319 (0,275)	-0,099 (0,144)	-0,088 (0,253)	-0,367** (0,183)
<i>Dummy</i> cidade mais de 500 mil	-0,806** (0,394)	0,120 (0,152)	0,038 (0,239)	-0,003 (0,180)
<i>Dummy</i> filhos	0,728* (0,386)	-0,0007 (0,2047)	0,035 (0,317)	-0,644*** (0,252)

Fonte: WVS Database. Disponível em: <<https://bit.ly/34KSF5B>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

Elaboração dos autores.

Obs.: 1. Erros-padrão robusto à heteroscedasticidade entre parênteses.

2. \*\*\*, \*\* e \* denotam a significância estatística aos níveis de 1%, 5% e 10%, respectivamente.

Com relação às *dummies* de escolaridade, apenas a variável *ensino superior* para o ano de 2006 na região Nordeste foi significativa a 10%. Como já destacado, a hipótese elencada com base em Kahneman (2012) para aqueles mais instruídos é ambígua. Os efeitos marginais revelam que a probabilidade de ser *feliz* para quem tem ensino superior se reduz em aproximadamente 6% e aumenta em 30% a chance de *infeliz*.

Quanto ao resultado para *dummy* relacionada ao estado civil *casado*, apenas nos dois anos estimados na região Sudeste houve significância estatística. Assim, em 2006, estar casado aumenta em torno de 7% a probabilidade de a pessoa ser *infeliz* e 24% no ano de 2014. Por sua vez, nesse mesmo ano, a probabilidade de ser *feliz* ou  *muito feliz* se reduz em 7,1% e 1,7%, respectivamente (em 2006 os valores estimados foram 2,4% e 0,1%). Para a categoria *não muito feliz* há uma redução em, aproximadamente, 15% de probabilidade quando o indivíduo se declara casado, em 2014, e 4,3%, em 2006.

TABELA 4

## Efeitos marginais da probabilidade de felicidade no Nordeste (2006 e 2014)

Variáveis explicativas	2006				2014			
	dy/dx	dy/dx	dy/dx	dy/dx	dy/dx	dy/dx	dy/dx	dy/dx
	(1)	(2)	(3)	(4)	(1)	(2)	(3)	(4)
Escala de renda	0,045 (0,014)	-0,028 (0,009)	-0,016 (0,005)	-0,0012 (0,0009)	-0,0002 (0,0131)	0,0001 (0,0092)	0,00007 (0,00375)	0,000003 (0,000164)
<i>Dummy</i> empregado	0,134 (0,088)	-0,080 (0,052)	-0,049 (0,034)	-0,003 (0,003)	0,163 (0,174)	-0,115 (0,310)	-0,045 (0,143)	-0,001 (0,007)
<i>Dummy</i> aposentado	0,247 (0,158)	-0,185 (0,132)	-0,057 (0,026)	-0,004 (0,003)	0,171 (0,166)	-0,131 (0,253)	-0,038 (0,124)	-0,001 (0,006)
<i>Dummy</i> estudante	0,106 (0,135)	-0,072 (0,100)	-0,030 (0,033)	-0,002 (0,002)	0,067 (0,156)	-0,050 (0,159)	-0,016 (0,062)	-0,001 (0,003)
<i>Dummy</i> dona de casa	0,204 (0,136)	-0,148 (0,110)	-0,052 (0,026)	-0,003 (0,003)	-0,003 (0,096)	0,002 (0,068)	0,0009 (0,0279)	0,00004 (0,0012)

(Continua)



(Continuação)

Variáveis explicativas	2006				2014			
	dy/dx	dy/dx	dy/dx	dy/dx	dy/dx	dy/dx	dy/dx	dy/dx
	(1)	(2)	(3)	(4)	(1)	(2)	(3)	(4)
<i>Dummy</i> outras ocupações	-	-	-	-	0,652 (0,028)	-0,576 (0,029)	-0,0741 (0,0148)	-0,003 (0,003)
<i>Dummy</i> ensino superior	0,303 (0,179)	-0,235 (0,156)	-0,062 (0,024)	-0,004 (0,003)	-0,113 (0,177)	0,069 (0,291)	0,042 (0,131)	0,002 (0,007)
<i>Dummy</i> outro nível educacional	0,026 (0,067)	-0,016 (0,041)	-0,009 (0,024)	-0,0007 (0,0019)	-0,079 (0,101)	0,055 (0,160)	0,022 (0,072)	0,0019 (0,003)
Idade	-0,040 (0,012)	0,024 (0,009)	0,014 (0,004)	0,0011 (0,0008)	-0,004 (0,010)	0,003 (0,011)	0,001 (0,004)	0,00005 (0,00024)
Idade <sup>2</sup>	0,0004 (0,0001)	-0,0002 (0,0001)	-0,00014 (0,00005)	-0,000011 (0,000009)	0,00001 (0,00010)	0,00001 (0,00008)	-0,000005 (0,000035)	0,0000002 (0,0000016)
<i>Dummy</i> masculino	-0,012 (0,064)	0,007 (0,039)	0,004 (0,022)	0,0003 (0,0018)	0,046 (0,078)	-0,033 (0,099)	-0,012 (0,043)	-0,0005 (0,0022)
<i>Dummy</i> casado	-0,026 (0,074)	0,016 (0,046)	0,009 (0,026)	0,0007 (0,0021)	0,076 (0,101)	-0,053 (0,160)	-0,022 (0,072)	-0,0009 (0,0038)
<i>Dummy</i> branco	0,072 (0,063)	-0,046 (0,042)	-0,024 (0,020)	-0,001 (0,002)	-0,020 (0,061)	0,014 (0,057)	0,005 (0,025)	0,0002 (0,0012)
<i>Dummy</i> cidade mais de 500 mil	-0,160 (0,068)	0,075 (0,025)	0,078 (0,047)	0,006 (0,006)	0,008 (0,056)	-0,006 (0,042)	-0,002 (0,017)	-0,0001 (0,0007)
<i>Dummy</i> filhos	0,157 (0,079)	-0,090 (0,045)	-0,061 (0,035)	-0,004 (0,004)	0,008 (0,073)	-0,005 (0,053)	-0,002 (0,022)	-0,0001 (0,0009)

Fonte: WVS Database. Disponível em: <<https://bit.ly/34kSF5B>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

Elaborado dos autores.

Para a relação de U entre idade e felicidade, para a região Nordeste em 2006 e para a região Sudeste em 2014, os resultados se ratificam tanto em termos de significância quanto em termos de sinal esperado, tendo para o termo linear sinal negativo e para o termo quadrático sinal positivo, estando em conformidade com a literatura internacional e com os resultados da WVS para os estudos nacionais de Corbi e Menezes-Filho (2006) e Ribeiro e Marinho (2017).

Para as variáveis ocupacionais, os resultados da região Nordeste tiveram apenas na *dummy empregado*, na qual se diferencia da categoria base *desemprego*, significância no ano de 2014 (para 2006 todos os controles ocupacionais não foram significativos). Por sua vez, na região Sudeste a *dummy empregado* foi também significativa, mas apenas para o ano de 2006, tendo, em 2014, as variáveis *estudante* e *outras ocupações* como significativas. Esses resultados estão em conformidade com literatura nacional e internacional, as quais atestam maiores níveis de satisfação e felicidade para ocupados *vis-à-vis* a desempregados.<sup>24</sup>

24. Ver, por exemplo, Corbi e Menezes-Filho (2006), Eugênio (2016), Aydos, Figueiredo Neto e Teixeira (2017) e Ribeiro e Marinho (2017).

TABELA 5  
Efeitos marginais da probabilidade de felicidade no Sudeste (2006 e 2014)

Variáveis explicativas	2006				2014			
	dy/dx	dy/dx	dy/dx	dy/dx	dy/dx	dy/dx	dy/dx	dy/dx
	(1)	(2)	(3)	(4)	(1)	(2)	(3)	(4)
Escala de renda	0,010 (0,007)	-0,006 (0,004)	-0,003 (0,002)	-0,0001 (0,0001)	0,025 (0,010)	-0,017 (0,007)	-0,006 (0,002)	-0,0015 (0,0007)
<i>Dummy</i> empregado	0,101 (0,043)	-0,065 (0,028)	-0,034 (0,015)	-0,0015 (0,0011)	0,027 (0,064)	-0,018 (0,043)	-0,006 (0,016)	-0,001 (0,003)
<i>Dummy</i> aposentado	0,088 (0,072)	-0,061 (0,053)	-0,026 (0,018)	-0,0011 (0,0010)	-0,100 (0,078)	0,062 (0,043)	0,030 (0,028)	0,007 (0,007)
<i>Dummy</i> estudante	0,091 (0,097)	-0,064 (0,074)	-0,025 (0,022)	-0,0011 (0,0011)	0,258 (0,158)	-0,208 (0,140)	-0,041 (0,016)	-0,008 (0,004)
<i>Dummy</i> dona de casa	0,047 (0,065)	-0,031 (0,045)	-0,014 (0,018)	-0,0006 (0,0009)	-0,077 (0,071)	0,049 (0,041)	0,023 (0,024)	0,005 (0,006)
<i>Dummy</i> outras ocupações	- -	- -	- -	- -	-0,248 (0,080)	0,036 (0,105)	0,163 (0,132)	0,048 (0,052)
<i>Dummy</i> ensino superior	0,069 (0,062)	-0,047 (0,045)	-0,020 (0,016)	-0,0009 (0,0008)	0,111 (0,079)	-0,082 (0,063)	-0,023 (0,014)	-0,005 (0,003)
<i>Dummy</i> outro nível educacional	0,037 (0,035)	-0,023 (0,022)	-0,012 (0,012)	-0,0005 (0,0006)	0,029 (0,046)	-0,020 (0,032)	-0,007 (0,011)	-0,001 (0,002)
Idade	-0,006 (0,005)	0,004 (0,003)	0,002 (0,002)	0,0001 (0,0001)	-0,011 (0,006)	0,007 (0,004)	0,002 (0,001)	0,0006 (0,0004)
Idade <sup>2</sup>	0,00006 (0,00006)	0,00004 (0,00004)	-0,000021 (0,000022)	0,000001 (0,000001)	0,00014 (0,00007)	-0,00009 (0,00005)	-0,00003 (0,00001)	0,000009 (0,000005)
<i>Dummy</i> masculino	-0,008 (0,032)	0,005 (0,021)	0,0028 (0,0112)	0,0001 (0,0005)	-0,062 (0,043)	0,042 (0,029)	0,016 (0,011)	0,0037 (0,0029)
<i>Dummy</i> casado	0,069 (0,036)	-0,043 (0,022)	-0,024 (0,013)	-0,0011 (0,0008)	0,238 (0,042)	-0,151 (0,029)	-0,070 (0,016)	-0,016 (0,006)
<i>Dummy</i> branco	-0,022 (0,031)	0,014 (0,020)	0,007 (0,010)	0,0003 (0,0005)	-0,082 (0,040)	0,056 (0,028)	0,021 (0,010)	0,004 (0,002)
<i>Dummy</i> cidade mais de 500 mil	0,026 (0,034)	-0,017 (0,022)	-0,008 (0,011)	-0,0004 (0,0005)	-0,0007 (0,0405)	0,0005 (0,0277)	0,0001 (0,0104)	0,00004 (0,00238)
<i>Dummy</i> filhos	-0,0001 (0,0451)	0,0001 (0,0291)	0,00005 (0,01532)	0,000002 (0,000696)	-0,1505 (0,0604)	0,110 (0,047)	0,032 (0,012)	0,007 (0,003)

Fonte: WVS Database. Disponível em: <<https://bit.ly/34kSF5B>>. Acesso em: 26 jun. 2018.  
Elaboração dos autores.

Finalmente, no que concerne a renda do entrevistado, apenas no ano de 2006 para a região Nordeste a variável apresentou resultado positivo e significativo, tendo assim também apresentado na região Sudeste, mas no ano de 2014. De acordo Harford (2016), o dinheiro pode muito bem trazer felicidade em um contexto de uma determinada sociedade, com resultados bem robustos para a felicidade em pessoas mais ricas do que em pessoas mais pobres.<sup>25</sup>

25. Na literatura nacional, destacam-se os trabalhos de Shikida (2008), Shikida, Rodrigues e Braun (2004) e Rodrigues e Shikida (2005), os quais investigaram a relação entre renda e felicidade.

Nessa direção, Deaton (2017) também destaca que as pessoas que habitam países de baixa renda avaliam suas vidas como insatisfatórias, enquanto, nos Estados Unidos e em outros países ricos, as pessoas de alta renda tendem a fazer uma avaliação positiva de sua realidade.

Giannetti (2002), por seu turno, mostra, a partir de dados descritos na literatura, que o crescimento compra a felicidade nos países extremamente pobres, mas, quando se atingem níveis de renda equivalentes aos de países como Coreia do Sul, Irlanda e Portugal, acréscimos adicionais não mais se traduzem em ganhos de bem-estar subjetivo. Adicionalmente, de acordo com Giannetti (2002), décadas de forte crescimento nos Estados Unidos, na Europa e no Japão desde a segunda metade do século XX muito pouco ou nada alteraram as proporções de indivíduos felizes e infelizes em suas populações.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi analisar os determinantes da felicidade no Brasil sob a luz de um enfoque regional, fazendo uso da base de dados da WVS para os anos de 2006 e 2014. Para tanto, foi estimado um modelo *logit* ordenado a partir de um conjunto de atributos pessoais dos entrevistados para duas regiões com características históricas e socioeconômicas bem distintas: Nordeste e Sudeste. O uso de dois anos também permitiu analisar a alteração temporal daqueles que se autodeclararam felizes a partir da escala utilizada na pesquisa.

Diversos resultados estão em consonância com a literatura, muito embora não se tenha um padrão comum para as regiões em análise. Para a região Nordeste, em 2006, o estado de felicidade é explicado pelos rendimentos, ter ensino superior, uma relação de U na idade, ser residente em cidades com mais de 500 mil habitantes e ter filhos. No ano de 2014, o estado de felicidade tem como explicação apenas ter um emprego, em comparação com os que estão desempregados.

Na região Sudeste, para o ano de 2006, o estado de felicidade é explicado por estar empregado, além de ser casado. Em 2014, são os estudantes e aqueles inseridos em outras ocupações, em comparação com os desempregados, além de também ser casado, ter filhos, renda e uma relação de U na idade é que explica o estado de felicidade das pessoas. No caso desse último atributo, a felicidade é mais intensa na juventude, atingindo um ponto mínimo na meia idade e voltando a crescer novamente a partir de então.

Diante desses resultados, não se pode definir nenhum padrão sistemático para os atributos explicativos que impactam no estado de felicidade, considerando a divergência dos resultados tanto temporalmente como nas regiões em análise, à exceção dos casados para a região Sudeste.

Em uma comparação inter-regional, em distintos anos, a categoria de emprego, que se diferencia da categoria base *desemprego*, apresentou resultado com relação aos níveis de felicidade condizente com as evidências produzidas na literatura e corroborando os maiores níveis de insatisfação e infelicidade das pessoas desempregadas.

A presença de filhos foi outra varável que, mesmo em distintos anos, teve impactos similares no grau de infelicidade das pessoas em uma perspectiva inter-regional. Esse resultado se coaduna com o fato de os arranjos familiares brasileiros estarem passando por uma contínua queda da taxa de fecundidade, e um percentual cada vez maior de famílias que optam por não ter filhos (Camarano e Fernandes, 2014).

Deve-se também ressaltar que a renda teve impacto apenas em dois dos modelos estimados e probabilidade baixa nas categorias de maior felicidade. Skidelsky e Skidelsky (2017) ressaltam que nos últimos trinta anos o aumento quase constante do PIB em diversos países industrializados e a imensa melhora na qualidade de vida destes não proporcionaram mais felicidade.

Adicionalmente, é importante destacar que na região Nordeste, para o ano de 2006, ter ensino superior afeta o estado de felicidade e, como atestam Barbosa Filho e Pessoa (2010), a elevação da escolaridade apresenta ganhos diretos sobre os salários e o crescimento. No entanto, é duvidoso inferir que será este o canal para maiores de ganhos de bem-estar subjetivo na região nordestina. De fato, de acordo com Layard (2006), é bastante difícil que o crescimento econômico aumente a felicidade, tendo em conta que na medida em que a renda real se eleva a norma pela qual ela é avaliada também se eleva. Harari (2016), por sua vez, destaca que Costa Rica e Cingapura, países com um amplo *gap* de produto *per capita*, registram em sucessivas pesquisas níveis de satisfação com a vida dos costa-riquenhos mais elevados do que os de Cingapura, mesmo que esse último seja bem mais rico.

Nessa perspectiva, pelo menos três questões em termos de políticas públicas podem ser elencadas, considerando que a eficiência dos serviços públicos assume papel relevante na felicidade das pessoas (Layard, 2006). No caso do desemprego, Di Tella, MacCulloch e Oswald (2001) destacam seus efeitos na melhora de bem-estar das pessoas e que esses efeitos se revelam superiores inclusive quando comparados com outras patologias macroeconômicas, como a inflação. Giannetti (2002) também mostra que os desempregados involuntários chegam a apresentar taxas maiores de infelicidade até mesmo com relação a suicidas, o que atesta a importância de políticas macroeconômicas responsáveis no combate ao desemprego.

Os resultados correspondentes à presença de filhos em termos de planejamento público também tomam papel primordial na discussão. Como ponderam Tafner e Nery (2019), com menos jovens, sistemas de previdência financiados por repartição, como o brasileiro, são pressionados, uma vez que são menos pessoas para contribuir e financiar os beneficiários, como os idosos, que estão vivendo mais.

Em termos de direcionamento futuro, uma questão importante a ser aqui aventada é com relação à maior sistematização de estudos sobre esse tema, o que poderia mensurar mais acuradamente medidas de bem-estar da população, bem como a busca de maior eficácia dos investimentos públicos para as áreas sociais, para que a população tenha condições de realizar seus objetivos de longo prazo e desfrutar de uma vida mais digna e potencialmente mais feliz.

Para Kahneman (2012), milhões de horas de prevenção de sofrimento estão associadas a formas mais ativas de lazer, como socialização e exercício. Da perspectiva social, destaca-se a melhoria no transporte público para a força de trabalho e a disponibilidade de creches para mulheres que trabalham fora. Finalmente, como observa Tetaz (2018), ser feliz tem causas muito além de resultados econômicos. Como destaque, é importante registrar a empatia, causas hereditárias e o *valor da amizade*, chegando a valer 230 vezes mais que conseguir um aumento salarial de mil dólares. Monitoramentos com estudos sistemáticos e políticas públicas que invistam no maior nível de socialização das pessoas e em bens públicos de maior qualidade poderão resultar em maior grau de satisfação dos indivíduos, independentemente da região de moradia.

## REFERÊNCIAS

- AKERLOF, G. A.; KRANTON, R. E. Economics and identity. **Quarterly Journal of Economics**, v. 115, n. 3, p. 715-753, 2000.
- ALESINA, A.; DI TELLA, R.; MACCULLOCH, R. J. Inequality and happiness: are Europeans and Americans different? **Journal of Public Economics**, v. 88, p. 2009-2042, 2004.
- ALIGHIERI, D. A. **A divina comédia**. São Paulo: Helder L. S. da Rocha, 1999.
- ANXO, D. *et al.* Gender differences in time use over the life course in France, Italy, Sweden, and the US. **Feminist Economics**, v. 17, n. 3, p. 159-195, 2011.
- ARISTÓTELES. **Ética a nicômaco**. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

AYDOS, L. R.; FIGUEIREDO NETO, L. F.; TEIXEIRA, W. M. Análise dos determinantes do nível de felicidade subjetiva: uma abordagem local. **Interações (Campo Grande)**, v. 18, n. 1, p. 137-150, 2017.

BARBIERI, F.; FEIJÓ, R. L. C. **Metodologia do pensamento econômico**: o modo de fazer ciência dos economistas. São Paulo: Atlas, 2013.

BARBOSA FILHO, F. H.; PESSÔA, S. A. Educação e crescimento: o que a evidência empírica e teórica mostra? **Revista Economia**, v. 11, n. 2, p. 265-303, 2010.

BARROS, A. R. **Desigualdades regionais no Brasil**: natureza, causas, origens e soluções. Rio de Janeiro: Campus, 2011.

BOTTON, A. **As consolações da filosofia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

CAMARANO, A. A.; FERNANDES, D. Mudanças nos arranjos familiares e seu impacto nas condições de vida: 1980 e 2010. *In*: CAMARANO, A. A. (Org). **Novo regime demográfico**: uma nova relação entre população e desenvolvimento? Rio de Janeiro: Ipea, 2014.

CHEN, H. An Analysis of bhutan's gross national happiness. **Seven Pillars Institute Moral Cents**, v. 4, n. 2, p. 66-74, 2015.

CLARK, E. A.; OSWALD, A. J. Unhappiness and Unemployment. **The Economic Journal**, v. 104, n. 424, p. 648-659, 1994.

CORBI, R. B.; MENEZES-FILHO, N. A. Os determinantes empíricos da felicidade no Brasil. **Revista de Economia Política**, v. 26, n. 4, p. 518-536, 2006.

DEATON, A. **A grande saída**: saúde, riqueza e as origens da desigualdade. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

DEATON, A.; STONE, A. A. **Grandpa and the snapper**: the wellbeing of the elderly who live with children. Cambridge: NBER, June 2013. (Working Paper, n. 19100).

DEL BIANCO, T. S. *et al.* A felicidade da população trabalhadora de Cascavel/PR segundo a métrica do índice de felicidade interna bruta. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 8, n. 3, p. 390-406, 2016.

DI TELLA, R.; MACCULLOCH, R. J. **Gross National Happiness as an answer to the Easterlin Paradox?** Harvard: Harvard Business School, 2005. Mimeografado.

DI TELLA, R.; MACCULLOCH, R. J.; OSWALD, A. J. Preferences over Inflation and Unemployment: Evidence from Surveys of Happiness. **The American Economic Review**, v. 91, n. 1, p. 335-341, 2001.

DIENER, E. Subjective well-being: the science of happiness and a proposal for a national index. **American Psychologist**, v. 55, n. 1, p. 34-43, 2000.

DOLAN, P. **Felicidade construída**. Como encontrar prazer e propósito no dia a dia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

DOLAN, P.; LAYARD, R.; METCALFE, R. **Measuring subjective well-being for public policy**: recommendations on measures. London: Centre for Economic Performance, 2011. (Special Paper, n. 23).

DOLAN, P.; PEASGOOD, T.; WHITE, M. Do we really know what makes us happy: a review of the economic literature on the factors associated with subjective well-being. **Journal of Economic Psychology**, v. 29, p. 94-122, 2008.

DORJI, D. K. Gross national happiness: concepts, status and prospects. **Seminar on Gross National Happiness**, p. 18-20, 2004.

EASTERLIN, R. Does economic growth improve the human lot? Some empirical evidence. **Nations and Households in Economic Growth**, v. 89, p. 89-125, 1974.

EUGÊNIO, A. S. **Trade-off inflação-desemprego e bem-estar subjetivo no Brasil**. 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2016.

FEIJÓ, C. A.; RAMOS, R. L. O. (Org). **Contabilidade social**: a nova referência das contas nacionais do Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 2013.

\_\_\_\_\_. **Contabilidade social**: referências atualizadas das contas nacionais do Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 2017.

FREY, B. S. **Happiness**: a revolution in economics. London: The MIT Press, 2008.

FREY, B. S.; GALLUS, J. Subjective Well-Being and Policy. **Springer**, v. 32, n. 2, p. 207-212, 2013.

FREY, B. S.; STUTZER, A. What can economists learn from happiness research. **Journal of Economic Literature**, v. 40, n. 2, p. 402-435, 2002.

\_\_\_\_\_. **Should national happiness be maximized?** Zurich: Institute for Empirical Research in Economics, University of Zurich, 2008. (Working Paper, n. 52306).

FRIJTERS, J.; BEATTON, T. The mystery of the u-shaped relationship between happiness and age. **Journal of Economic Behavior & Organization**, v. 82, p. 525-542, 2012.

GIAMBIAGI, F.; SCHWARTSMAN, A. **Complacência**: entenda por que o Brasil cresce menos do que pode. Rio de Janeiro: Campus, 2014.

GIANNETTI, E. **Felicidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GILBERT, D. **O que nos faz felizes**. O futuro nem sempre é o que imaginamos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

GUO, T.; HU, L. **Economic determinants of happiness**: evidence from the us general social survey. 2011.

HAIDT, J. **Uma vida que vale a pena**: ela está mais perto do que você imagina. Rio de Janeiro: Campus, 2006.

HANSEN, T. Parenthood and happiness: a review of folk theories versus empirical evidence. **Social Indicators Research**, v. 108, p. 29-64, 2012.

HARARI, Y. N. **Homo Deus**: uma breve história do amanhã. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HARFORD, T. **A lógica da vida**: descobrindo a nova economia em tudo. Rio de Janeiro: Record, 2009.

\_\_\_\_\_. **O economista clandestino ataca novamente**: como arrumar ou arruinar uma economia. Rio de Janeiro: Record, 2016.

KAHNEMAN, D. **Rápido e devagar**: duas formas de pensar. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

KAHNEMAN, D. *et al.* A survey method for characterizing daily life experience: the day reconstruction method. **Science**, v. 306, p. 1776-1780, 2004.

LAYARD, R. **Felicidade**: lições de uma nova ciência. Rio de Janeiro: BestSeller, 2006.

NETTLE, D. **Happiness**: The Science Behind your Smile. New York: Oxford University Press, 2005.

PESSÔA, S. A. **Existe um problema e desigualdade regional no Brasil?** *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 29., 2001, Salvador, Bahia. Anais... Salvador: Anpec, 2001.

\_\_\_\_\_. **Existe um problema e desigualdade regional no Brasil?** 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/2Rmyyqk>>.

POWERS, D. A.; XIE, Y. **Statistical methods for categorical data analysis**. San Diego: Academic, 2000.

RESENDE, A. L. **Devagar e simples**: economia, estado e vida contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

RIBEIRO, L. L.; MARINHO, E. L. L. Gross national happiness in Brazil: an analysis of its determinants. *economia*. **Econstor Make Your Publications Visible**, v. 18, n. 2, p. 156-167, 2017.



ROBERTS, R. **Como Adam Smith pode mudar sua vida**: o que o pai da economia tem a ensinar sobre a natureza humana, a felicidade e a riqueza. Rio de Janeiro: Sextante, 2015.

RODRIGUES, O. A.; SHIKIDA, P. F. A. Economia e felicidade: elementos teóricos e evidências. **Pesquisa & Debate**, v. 16, n. 1, p. 80-120, 2005.

SALES, A. P. *et al.* Felicidade interna bruta: aplicação e discussão nos contextos de cidades de porte médio brasileiras. **Revista Cade**, v. 12, n. 1, p. 59-82, 2013.

SANDEL, M. J. **Justiça**: o que é fazer a coisa certa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SCHWANDT, H. **Ummet aspirations as an explanation for the age u-shape in human well-being**. Bonn: IZA Institute of Labor Economics, 2013. (Discussion Paper, n. 7604).

SELIGMAN, M. E. P. **Felicidade autêntica**. usando a nova psicologia positiva para a realização permanente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

\_\_\_\_\_. **Florescer**: uma nova compreensão sobre a natureza da felicidade e do bem-estar. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

SHIKIDA, P. F. A. A gente não quer só dinheiro... a gente quer dinheiro e felicidade: notas e reflexões no contexto da ciência econômica. **Ciências Sociais Aplicadas em Revista**, v. 8, n. 14, p. 47-60, 2008.

SHIKIDA, P. F. A.; RODRIGUES, O. A.; BRAUN, M. B. S. Economia e felicidade: uma análise dos agricultores participantes do show rural (Cascavel-PR). **Economia em Revista**, v. 12, n. 2, p. 97-121, 2004.

SHROTRYIA, V. H. Culture, gross national happiness and disasters: strategies for preparedness and management of disasters in bhutan. **Journal of Integrated Disaster Risk Management**, v. 3, n. 1, p. 170-183, 2013.

SKIDELSKY, R.; SKIDELSKY, E. **Quanto é suficiente?** O amor pelo dinheiro e a defesa da vida boa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

SMITH, A. **A riqueza das nações**: investigação sobre sua natureza e suas causas. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

\_\_\_\_\_. **Teoria dos sentimentos morais**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

TAFNER, P.; NERY, P. **Reforma da previdência**: por que o Brasil não pode esperar? Rio de Janeiro: Campus, 2019.

TETAZ, M. **Psychonomics**: como o funcionamento da mente ajuda a definir nosso comportamento consumidor. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

THALER, R. H.; SUNSTEIN, C. R. **Nudge**: o empurrão para a escolha certa. Aprimore suas decisões sobre saúde, riqueza e felicidade. Rio de Janeiro: Campus, 2009.

VEENHOVEN, R. Is happiness relative? **Social Indicators Research**, v. 24, p. 1-34, 1991.

WHITE, M. P.; DOLAN, P. Accounting for the richness of daily activities. **Psychological Science**, v. 20, n. 8, p. 1000-1008, 2009.

Data da submissão em: 30 mar. 2019.

Primeira decisão editorial em: 24 maio 2019.

Última versão recebida em: 21 jun. 2019.

Aprovação final em: 26 jun. 2019.